

FUNDAÇÃO CULTURAL

Sai Jardim, entra Nobre (de crachá)

GIOCONDA CAPUTO
Editoria de Cultura

O que marcou a Fundação Cultural do Distrito Federal neste ano de 1987 foi a mudança radical de estilo administrativo. Se por um lado, a administração do poeta Reynaldo Jardim foi considerada por alguns como excessivamente aberta, por outro, a de seu sucessor, o maestro Marios Nobre (pouco mais de um mês à frente da entidade) já está sendo identificada pelo estilo internacional: a formalidade francesa aliada à burocracia e ao centralismo soviéticos. Aliás, quem acompanha as mudanças na União Soviética, arrisca a comentar que se Gorbachev passasse por lá, ele, com certeza, torceria o nariz.

Agora para ter acesso às dependências da Fundação Cultural o uso do crachá é obrigatório. Uma circular interna dirigida a todas as assessorias proíbe os assessores e todos os outros funcionários da casa a prestarem informações à imprensa. E o rigor francês é tão literal que (por um ato falho, quem sabe?) o maestro Marios Nobre já foi flagrado conversando em francês com sua esposa e chefe de gabinete, Maria Luzia. E na presença de funcionários!

Por enquanto, o nosso nobre diretor tem preferido às quatro paredes do seu amplo gabinete. Para falar com ele, marque audiência e espere ser chamado (dizem que o assessor comunitário, Nélio Lúcio, já aguarda há um mês). Com a imprensa, ele falou uma única vez, quando anunciou, com discrição, algumas iniciativas que ele pretende implementar. Disse que quer fortalecer o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e criar centros de produção que ficarão encarregados de viabilizar os projetos da Fundação em todas as áreas. Agora, como vai terminar essa história, je ne c'est pas.

OS NOVOS PROJETOS, O ORÇAMENTO, ETC

A Fundação Cultural do DF começou o ano de 1987 com um orçamento de Cz\$ 15.699.383,04. Desse total, mais de Cz\$ 13 mil foram arrecadados através da Lei Sarney, que beneficiou alguns projetos da entidade. Foi também através desta Lei que a Fundação serviu de repassadora de recursos para projetos idealizados fora dela como a construção da Pira (panteão), Museu do Índio, reforma na Catedral, Bíblias Raras, etc.

Grande parte das suplemen-

tações orçamentárias que o GDF repassou à Fundação foi aplicada nestes mesmos projetos e outros como o Projeto UniverCidade (que recebeu Cz\$ 1.650.000,00); Divulgação da Lei Sarney (Cz\$ 2.500.000,00); restauração do Cine Brasília (Cz\$ 2.200.000,00), entre outros.

Dos novos projetos criados na administração Reynaldo Jardim, o UniverCidade foi o que mais dividiu opiniões. Entre críticas e elogios o projeto atravessou o ano de 1987 com resultados que a Fundação considerou positivos. Segundo o relatório, o UniverCidade realizou 41 atividades entre cursos, palestras e atendimentos individuais (psicoterapia, homeopatia, biostesia, acupuntura, astrologia e ludoterapia) com a participação de 2.480 alunos.

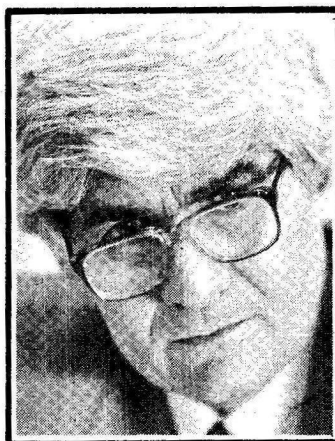
Mas a grande dança da Fundação neste ano foi com o tradicional Concerto Cabeças, uma idéia original de Nélio Lúcio. Por divergências internas a FCDF dificultou a realização do evento e, em seu lugar, criou o Rampa Sonora, que não emplacou.

Para a garotada, a Fundação criou o projeto Criança Fazendo Arte, que ofereceu atividades cênicas, plásticas, além de brincadeiras lúdicas nas dependências do Teatro Nacional. O projeto que começou em janeiro foi estendido no mês de agosto à comunidade de Taguatinga, passando a ocorrer, simultaneamente, no TNB e Teatro da Praça.

Criou ainda o projeto Devotos da Dança, que abriu espaços aos grupos independentes e profissionais ligados às academias. Até outubro foram realizadas 15 apresentações, com a participação média de 250 pessoas, de acordo com os números do relatório. Depois veio o projeto



Jardim: portas abertas



Nobre: pré-perestroika

Gamblarra (dirigido por Hugo Rodas), com o objetivo de montar um espetáculo de teatro e dança, a partir dos resultados das oficinas oferecidas, gratuitamente, a 60 pessoas. O relatório menciona também as atividades culturais desenvolvidas na zona rural, além da participação da Fundação no I Festival Latino-Americano de Arte e Cultura, criado pela Universidade de Brasília.

Os produtores culturais e artistas das Cidades Satélites continuam reclamando da pouca atenção que a Fundação dá às Satélites. Mas o relatório destaca a atuação da Fundação nestas cidades, sobretudo a partir do "pacto cultural" anunciado por Reynaldo Jardim. Segundo o documento, com o objetivo de ampliar a atuação da FCDF nas Cidades Satélites foram feitas sucessivas reuniões com as administrações regionais e com as associações culturais. Um diálogo que foi inaugurado mas que os produtores daquelas cidades não consideraram suficiente. A poucos dias o Movimento de Articulação Cultural reclamou que os projetos das Satélites saíram prejudicados no Edital que beneficiou com recursos projetos culturais em todos os setores.

Aliás, a grande novidade na gestão de Reynaldo Jardim foi a instituição de Editais Públicos de apoio à produção cultural do DF. Entre eles o relatório aponta o de número 008/06, operacionalizado em 1987, que concedeu recursos para atividades exclusivas nas Satélites. Foram publicados editais nas áreas de teatro, dança, cinema, etc.

Agora nos resta aguardar para ver os projetos do novo diretor que, aliás, estava em Paris há poucos dias.